

SEU LUNGA EM CORDEL: O IMAGINÁRIO E OS CAMPOS FINITOS DE SIGNIFICAÇÃO NO FOLHETO DE ROUXINOL DO RINARÉ

GT1: Comunicação Intercultural e Folkcomunicação

Gislene Carvalho¹

Universidade Federal do Ceará, Brasil mgisacarvalho@gmail.com

Resumo

Neste trabalho, que é parte da dissertação ‘Folhetos de cordel entre realidade e ficção cotidiana: um estudo da mídia na construção do personagem Seu Lunga’, defendida no Programa de Pós-graduação em Estudos da Mídia, discutimos a construção do personagem Seu Lunga nos folhetos de cordel a partir da identificação de campos finitos de significação, conceituados por Berger e Luckmann (1985). Trabalhamos com uma perspectiva construtivista, que nos embasa na discussão sobre realidade cotidiana e ficção, conceitos que são levantados em torno da essência do personagem que é real, mas que é também parte das atividades criativas dos poetas, como ambos estão interligados e constituem a compreensão que os indivíduos têm do real. A partir de uma análise discursiva, identificamos como a subjetividade de cada poeta direciona os enunciados e constrói o protagonista de forma diferente. No folheto “Seu Lunga: o rei do mau humor”, do poeta Rouxinol do Rinaré, percebemos a ênfase em uma representação ficcional, de pouca ligação com o cotidiano de Seu Joaquim. O objetivo não é de realizar o registro de uma realidade, mas o da criação poética.

¹ Mestre em Estudos da Mídia pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Professora de Jornalismo da Universidade Federal do Ceará.

Palavras-chave: Folhetos de cordel; Seu Lunga; campos de significação.

Introdução

O folheto de cordel, uma manifestação cultural bastante difundida no Nordeste do Brasil, é muito mais do que uma literatura de entretenimento. Além dos folhetos com histórias engraçadas, biografias de pessoas consideradas importantes para o imaginário local, há a presença de informação e de opinião, interpretação de fatos, críticas sociais etc. Diante do alcance dos cordéis, seja por seu formato leve ou linguagem acessível aos mais diversos públicos, os discursos que eles carregam são muito úteis na manutenção e atualização das tradições e do imaginário popular, através do registro da memória, da repercussão de lendas e mitos e da fixação de características nas personalidades dos protagonistas dos folhetos.

Um exemplo do folheto de cordel neste universo simbólico é a difusão do personagem Seu Lunga, apelido de Seu Joaquim dos Santos Rodrigues, homem que mora em Juazeiro do Norte, Ceará, a 514 km da capital, Fortaleza, dono de uma sucata, que tem um temperamento difícil e que ficou conhecido por esse comportamento, que despertou a contação de histórias cômicas de respostas grosseiras a perguntas mal formuladas, que circulavam pelo boca-a-boca e nos versos dos cantadores. Mas em 1987², Abraão Batista, poeta e professor aposentado da Universidade Regional do Cariri – Urca, escreve o primeiro volume do folheto “Seu Lunga, o homem mais zangado do mundo”, e as histórias contadas não saem do espaço da oralidade, mas encontram uma nova mídia por onde circular.

² O primeiro folheto encontrado sobre Seu Lunga é de autoria do poeta Abraão Batista data de 1987. Mas em entrevista, o autor afirma ter escrito os versos no ano de 1982.

A partir de então, Seu Joaquim deixa de ser somente o homem real e passa a ser também personagem, o Seu Lunga grosseiro, impaciente e intolerante, construído por um discurso cômico, e que encontra um alcance ainda maior do que os caminhos dos violeiros. O discurso, fixado pela escrita, dificulta a alteração do conteúdo e leva o personagem por onde quer que os folhetos circulem.

Mas quais são os elementos do discurso do cordel que permitem a representação do personagem feita na transição por diversos campos de significação? Aqui buscamos compreender como, nos discursos dos folhetos do poeta Rouxinol do Rinaré, são construídas realidades, dialogando com a criação/invenção/imaginário/ficção que repercutem no cordel como mídia, especificamente nos folhetos sobre Seu Lunga.

O cordel constrói realidades em seu discurso. Ele constrói a realidade de um Seu Lunga novo, que não precisa ser, necessariamente, o da realidade cotidiana, mas o que adquire características de personagem. Ganha significados e sentidos que vão além de uma representação, e o constituem como transitório, um híbrido entre realidade (pautada a partir do comportamento pouco receptivo de Seu Joaquim, que ganhou popularidade a partir da oralidade) e ficção (a representação feita pelos poetas em que a subjetividade de sua interpretação se manifesta e abre espaço para a criação de fatos atribuídos ao homem real).

Comprendemos que o folheto de cordel carrega significados, produz sentidos e atualiza tradições, criando e difundindo elementos imaginários que integram uma produção criativa que vai além do entretenimento, atuando também como uma forma de conhecimento. Narrativas que fazem parte do cotidiano como ensinamentos, lendas e entretenimento. Um conteúdo que é vivo e pulsante, que surge das práticas orais e que é impresso nas páginas dos folhetos, a mídia cordel.

Campos finitos de significação

A vida cotidiana é composta por diversas construções simbólicas afirmadas como reais pelos homens que fazem parte dela. A concepção de realidade para Berger e Luckmann (1985) vem de uma concepção fenomenológica, que considera a experiência subjetiva e o caráter intencional da consciência, que coloca a realidade como uma construção mental que os seres humanos fazem dos objetos. E é na consciência que se constituem as diferentes esferas da realidade.

Mas a mente humana não fica restrita a apenas uma esfera de realidade. Ela pode transitar entre formas distintas de realidade, sem que nenhuma seja prejudicada. E isso depende de contratos de leitura que cada realidade exige dos indivíduos. Não se espera, por exemplo, ao ler um romance que ele seja uma representação inteira de uma historicidade da realidade cotidiana. A partir do momento em que compreendemos tratar-se de um romance, abrimos a nossa consciência para a ficção, compreendida aqui como toda representação de realidade que, para se constituir, constrói novos campos de significação.

Não é que as realidades tenham fronteiras perfeitamente distintas. Muitas vezes, elas se confundem e se complementam. Uma única realidade não basta, às vezes é necessário fugir dela, outras vezes, as demais formas de consciência são agregadas à realidade cotidiana para que ela exista de forma plena. Por isso, não tratamos aqui a ficção – ou invenção/imaginário como denominam os poetas – como oposta à realidade, mas como outra forma de sua representação. Frequentemente temos elementos da vida cotidiana que alimentam a ficção e, em contrapartida, esta aparece manifestada em situações reais.

Segundo Berger e Luckmann (1985), a realidade cotidiana seria a realidade por excelência, predominante, quando a tensão da consciência chega ao ponto máximo.

Apreendo a realidade da vida diária como uma realidade ordenada, seus fenômenos acham-se previamente dispostos em padrões que parecem ser apreensão. A realidade da vida cotidiana aparece já objetivada, isto é, constituída por uma ordem de objetos que foram designados como objetos antes de minha entrada na cena. A linguagem usada na vida cotidiana fornece-me continuamente as necessárias objetivações e determina a ordem em que estas adquirem sentido e na qual a vida cotidiana ganha significado para mim. (BERGER e LUCKMANN, 1985, p. 38-39)

A realidade cotidiana está ordenada pela linguagem, dando significação aos fatos objetivos que a integram. E a apreensão da realidade está ligada ao *hic et nunc*, ainda que ela não se esgote nas presenças imediatas. As pessoas teriam acesso direto às realidades que se apresentam no instante e no lugar onde elas estão. Esta seria a forma de constituição da realidade da consciência. Isto não significa que sejam completamente ignorados os fenômenos aos quais a consciência não esteja presente, mas estes fenômenos, que fogem do aqui e agora da consciência não podem ser apreendidos diretamente e sua interpretação se torna ainda mais subjetiva, pois é resultado de outras mediações, além da mediação da linguagem, que permite o entendimento direto da vida cotidiana. Segundo Berger e Luckmann (1985), isto permite que se experimente os diferentes graus da vida cotidiana, sem que necessariamente se esteja presente neles.

Os campos finitos de significação são as demais realidades que se constituem no interior da realidade cotidiana, que se coloca como uma realidade mais ampla por ser a realidade em si. Os campos finitos teriam significados e modos de experiência delimitados, segundo Berger e Luckmann (1985). A realidade cotidiana engloba os campos finitos de significação, que se realizam dentro dela, de modo que “a consciência sempre retorna à realidade dominante como se voltasse de uma excursão” (BERGER e LUCKMANN, 1985, p. 43). Ainda que os campos finitos de significação existam como formas diferentes de perceber e tratar a realidade cotidiana, inclusive complementando-a com possibilidades que o cotidiano não dá conta, a base permanece no real cotidiano, onde os campos finitos ganham significação.

A transição acontece por um contrato de leitura, quando o público abre um folheto ou quando o escuta, os indivíduos entram naquela nova perspectiva de realidade, mas não estão presos a ela, podendo voltar à realidade cotidiana assim que a leitura termine. “O espectador é ‘transportado para um outro mundo’, com seus próprios significados e uma ordem que pode ter relação ou não com a ordem da vida cotidiana” (BERGER e LUCKMANN, 1985, p. 43). Este outro mundo seria o mundo da criação, da invenção, do imaginário, como nomeiam poetas. E o público é capaz de transportar os significados continuamente entre os diversos tipos de realidade, através de conexões em que elementos da realidade cotidiana compõem os textos dos folhetos, ao passo em que alguns dos conteúdos da poesia, que é também forma de conhecimento, são interpretados e utilizados a partir dos fatos que fazem da realidade cotidiana a maior representação possível do real.

Os campos finitos de significação oferecem um desvio da atenção da realidade cotidiana para outros níveis de realidade, produzindo tensões da consciência,

segundo Berger e Luckmann (1985). A vida cotidiana precisa dos campos finitos. É uma quebra, uma fuga da realidade cotidiana, que tanto pode ser usada como acessório, apoio a esta, ou mesmo como espaço de entretenimento, em um momento que os indivíduos estão saturados do real cotidiano e buscam justamente este deslocamento da atenção.

Mesmo com estes desvios de atenção, a realidade cotidiana permanece como a realidade macro, na qual estão inseridos todos os campos finitos. Ela engloba os diversos níveis de realidade, de modo que mesmo havendo estas tensões da consciência, a realidade cotidiana permanece em volta do indivíduo que está com a atenção desviada e é para ela que ele volta quando a experiência da significação finita termina.

A linguagem é utilizada para a objetivação da vida cotidiana, para a tradução das percepções dos campos finitos às experiências da realidade maior, de modo que, a partir da realidade cotidiana, interpretem-se as experiências dos campos finitos de significação. A linguagem é responsável por isso, para que os indivíduos consigam lidar com a coexistência entre os diferentes campos de realidade.

Para efeitos de análise, aplicamos a hermenêutica para interpretarmos os textos dos folhetos e construirmos uma linha de sentido para as características atribuídas ao personagem Seu Lunga e identificarmos os campos de realidade nos quais os casos se inserem. Estes campos foram elaborados para esta pesquisa por uma questão metodológica e para deixar mais claro este mapeamento.

Tratamos da realidade em campos, justamente por compreender que eles se complementam e constituem uma realidade maior, a cotidiana, onde estes campos estão inseridos. A existência de um dos campos não anula o outro, e os

indivíduos têm liberdade para transitar entre estes campos da forma como lhes for cognitivamente conveniente. As fronteiras entre estes campos também não são fixas e existem textos em que elas podem se confundir, misturando-se seja por motivos estéticos, por motivos criativos, cognitivos ou mesmo como estratégia de apresentação.

Trabalhamos aqui com um tipo de texto que transfigura a realidade cotidiana em representações, o que prova que um campo não anula o outro. Assim como acontece nas crônicas, a realidade é apresentada pelo poeta a partir dos fatos que lhes são próximos, ou de eventos imaginativos que servem para ilustrar algum outro tema, que seja parte da realidade cotidiana. No caso de Seu Lunga, temos um referente, que é um homem real (Seu Joaquim), que está no primeiro campo da realidade, e sobre ele se contam fatos sem comprovação, mas que, independente disso, permanecem circulando e são tomados como reais por aqueles que os propagam.

Assim, Seu Lunga transita entre os campos de realidade e se confunde entre personagem e homem real. Nossa interpretação busca reconstruir o sentido das características deste personagem e reconhecer em que campos os causos analisados situam o protagonista. Os campos aqui definidos referem-se à caracterização do personagem, ao discurso que lhe é atribuído e às relações que os demais personagens mencionados desenvolvem com o protagonista.

Ficção/imaginário

A realidade é um conjunto das percepções que cada indivíduo tem do mundo, a partir de interpretações e dos imaginários que, com o uso da linguagem, são transportados para a realidade cotidiana e podem ser compartilhados e interpretados, dialogados, criando uma realidade maior composta por diversos

campos finitos de significação, como propõem Berger e Luckmann (1985).

Estes campos, que partem do imaginário e das interpretações não são contrários à realidade, mas locais onde a consciência humana apreende a realidade e a materializa. Eles vão desde a interpretação de um evento presente até às criações completamente inverossímeis e universos paralelos. E ainda assim, compõem a realidade cotidiana e partem dela, representando-a na forma como ela seja percebida através de atividades mentais imaginativas e criativas. “É preciso lembrar de uma vez por todas que não se pode opor à arte nenhuma realidade em si, nenhuma realidade neutra: pelo próprio fato de que falamos dela e a opomos a algo, nós, como que a definimos e lhe damos um valor” (BAKHTIN, 2011, p. 31).

Os folhetos de cordel, quando nos apresentam a sua realidade, o fazem inserindo a subjetividade do poeta como forma de opinar sobre determinados fatos que já são de conhecimento de seu público, seja por meio da mídia de massa, ou mesmo pela oralidade, por conversações cotidianas, boatos etc. “A missão do poeta é ensinar a verdade, todas as formas e estratégias da sua poética são elaboradas e utilizadas ao serviço dela” (LEMAIRE, 2008, p. 19). A realidade dos folhetos aparece alternada a elementos criados pelos poetas como forma de ilustrar os fatos ou ainda com seus julgamentos e atribuições de valores, através do uso de adjetivos, funcionando como as crônicas ou como os diversos gêneros do jornalismo opinativo.

O imaginário está ligado ao simbólico que, por sua vez, representa a realidade. Legros et al. (2007) apontam, dentre as funções sociais do imaginário, a criatividade social e individual e a comunhão social que favorecem os sistemas de memória coletiva e representação das tradições. Para os autores, as relações entre imaginário e real revelam a complexidade da condição humana.

Trata-se o imaginário, então, do lugar da consciência humana onde se formam as imagens mentais relativas à realidade, cuja percepção é direcionada por uma intencionalidade. Esta intencionalidade seria formada pelo conjunto de elementos biográficos, históricos e culturais que mediam a relação do indivíduo com o mundo. “O imaginário é um pensamento simbólico total na medida em que este último ativa os diferentes sentidos de compreensão do mundo” (LEGROS et al., 2007, p.112). Assim, o imaginário estabelece relações com o real em que um alimenta o outro continuamente com eventos e suas interpretações.

A intencionalidade que guia a percepção, segundo Legros et al (2007), somaria às características de um objeto as significações cimentadas pela cultura e pelas associações de ideias. Isso seria, então, o que levaria à construção de um imaginário individual (relativo às questões biográficas) e do imaginário coletivo (que é construído culturalmente pelo conjunto de imaginários individuais). “A arborescência inconsciente de cada pessoa é irrigada por sua biografia, mas o lençol freático no qual ela se nutre é escavado sob o fardo das sedimentações culturais e da história” (LEGROS et al., 2007, p. 20). A intencionalidade é, assim, a subjetividade da interpretação do real, subjetividade esta que se constitui do diálogo estabelecido entre todas as experiências do indivíduo, suas relações interpessoais, formação, cultura etc. e que direcionam a forma como cada sujeito percebe, apreende e compartilha a realidade cotidiana.

É no imaginário que se criam símbolos e significados referentes a eventos da realidade cotidiana. Estes símbolos dispensam a existência imediata do real. O imaginário está presente mesmo quando um evento tornou-se passado e pode, assim, ser retomado inúmeras vezes. O termo “simbólico” é, então, agregado ao conceito de imaginário, segundo Legros et al (2007), para destacar que “todo

imaginário, toda representação, toda ideologia, toda imaginação portam um sistema de valores” (p. 108), e estão ligados às interpretações.

Deste modo é que o imaginário transcende o real e possibilita as atividades criativas da consciência humana, que são objetivadas através da linguagem seja em textos noticiosos ou de ficção, compreendendo-se que mesmo os textos de ficção representam campos de construção da realidade. Trata-se de um campo finito de significação construído pela forma com que o imaginário encontra e interpreta a realidade e dela produz textos estéticos, criativos ou artísticos, materializados pelo uso da linguagem, que permite que este campo seja compartilhado e a realidade construída seja transportada para tempos e espaços que fujam do *hic et nunc* em que aconteceu.

Os folhetos de cordel estão impregnados destes elementos imaginários, e é a partir deles que percebemos a criação dos versos dos folhetos. As temáticas, as abordagens, as interpretações dos fatos sociais e mesmo as criações fantásticas ou inverossímeis partem de um contexto imaginário, que está arraigado na cultura à qual pertence o poeta. A atividade de criação parte do imaginário e das construções simbólicas referentes à representação da realidade cotidiana em variados campos finitos de significação.

A compreensão de imaginário é fundamental para que possamos refletir acerca da atividade criativa dos poetas e, portanto, a forma de construção da realidade nos folhetos. A construção do real feita nos folhetos é baseada no imaginário, portanto, nas interpretações simbólicas. Os poetas utilizam-se dos imaginários individual e coletivo como temática abordada nos folhetos e criam um vínculo entre autor e leitor/ouvinte que só é possível através do compartilhamento dos símbolos imaginários.

Os textos de ficção são representações da realidade que partem da criatividade dos indivíduos. Até o uso de figuras de linguagens podem ser considerados tipos de ficção por utilizarem sentidos conotativos e que fazem com que diversas interpretações de um mesmo texto sejam possíveis. Cria-se algo que não foi vivido, mas que o autor consegue conceber como possível. É possível que existam textos completamente produzidos na mente humana e sem nenhuma referência à realidade cotidiana. Mas mesmo as narrativas fantásticas partem de elementos reais, concretos e objetivados para se desenvolverem.

As ficções são geradas através de saltos do pensamento lógico, que quando não consegue resolver ou apreender alguma situação do mundo, salta e cria conceitos auxiliares que não tem existência concreta de forma a poder continuar raciocinando, atingindo por fim a finalidade do pensar. (ZENI, 2012, p. 83).

Wood (2012) considera que o realismo, ou seja, os gêneros da literatura que têm como objetivo aproximar-se da realidade, é muito mais do que um conjunto de elementos narrativos verossímeis. O objetivo da ficção não é o da crença, mas de imaginação. Ela cria possibilidades de realidades, não necessariamente o que aconteceu, mas eventos que podem se realizar em contextos da realidade cotidiana, sendo a ficção um campo da realidade, que parte dela para, a seu modo, construí-la e representá-la. Segundo Wood (2012), a função do autor é de persuasão, o que demanda do artista “um grande artifício ficcional e não um mero registro informativo” (WOOD, 2012, p. 192).

A ficção, para nós, é o processo de criação narrativa, é a transformação de um fato da realidade cotidiana em texto, em linguagem. Quando isso acontece, não

temos mais realidade cotidiana, mas uma interpretação possível dela. E esta atividade é realizada pelo imaginário, pelas atividades criativas. A ficção não é o contrário da realidade, mas a forma que cada um escolhe para representá-la, buscando sempre transmitir o máximo de verdade possível, de modo que aquela narrativa seja crível.

O imaginário é uma forma de conceber o real que oferece à ficção a possibilidade de existência. É do imaginário e de sua origem cultural que os indivíduos retiram os elementos criativos que compõem os campos finitos, as atividades de produção e de recepção dos textos de ficção como um espaço que é parte do real, e que tem nele elementos para a sua existência.

A ficção e, portanto, o imaginário estão sempre inseridos em um contexto sócio-histórico, que representa a realidade cotidiana. Para haver uma criação, é necessário que exista, antes dela, um real, de onde ela parte e para onde ela volta. A ficção pode ditar valores, comportamentos e hábitos. “Assim, antes de representar o real, ela o cria; antes de propor a representação dos códigos latentes, ela tem por função impor os modelos de comportamento” (LEGROS et al, 2007, p. 193). Reúne elementos da realidade para alcançar um tipo de credibilidade que permita que esta seja também construída pela primeira. Por isso, podemos considerar que a ficção não é o contrário do real, mas uma parte dele, um espaço da realidade onde o imaginário se materializa.

Rouxinol do rinaré: “ninguém inventa nada do nada!”

Depois de Abraão Batista, muitos outros poetas passaram a utilizar as já famosas histórias de Seu Lunga para escrever versos de cordel. Havia um público interessado na comicidade das histórias e ansioso por novidades em torno do personagem. Sua imagem já fazia parte do imaginário coletivo e já tinha sido

registrada em folheto. Daí em diante, era só contar causos de grosseria e atribuir a Seu Lunga, que a fórmula seria de sucesso e boas vendas.

Eram feitas, inclusive, encomendas de folhetos sobre Seu Lunga pelas editoras. Como uma temática de fácil comercialização, com estrutura narrativa estabelecida e um público interessado, não era mais necessário atestar a veracidade dos causos. A existência comprovada de Seu Joaquim com um comportamento que se aproxima do personagem se fazia suficiente para atribuir a característica de possibilidade à narrativa.

O folheto de Antônio Carlos da Silva, que assina como Rouxinol do Rinaré, segue esta perspectiva. Rouxinol escreveu a sua primeira edição a partir de uma encomenda da editora Tupynanquim. Segundo Rouxinol, ele não conhecia nenhum caso sobre Seu Lunga, mas na cidade onde morava, Maracanaú - CE, na Região Metropolitana de Fortaleza, havia um homem de comportamento semelhante, chamado de Seu André, que inspirou a criação de seus versos, cujas ações foram atribuídas a Seu Lunga.

Mas eu não escrevi simplesmente pela encomenda. Se a gente for analisar, existe muitos Seu Lunga por aí. Daí fica subtendido que nem tudo, ou quase nada que está nos folhetos Seu Lunga realmente disse. A começar pelo meu, muita coisa que eu coloco ali, Seu Lunga nunca disse. Mas alguns outros Lungas disseram, né?

No folheto de Rouxinol do Rinaré encontramos alguns causos que já tinham sido versificados nos dois volumes de Abraão Batista. Com 16 páginas na nona edição e 8 páginas na primeira, “Seu Lunga: o rei do mau humor” possui atualmente 32 causos, incluindo as histórias que também compunham a criação

do personagem de Abraão. Não podemos relacionar os outros causos com outros folhetos, pois as datas de publicação são confusas, além disso, as histórias sobre Seu Lunga são, declaradamente, inspiradas em boatos e atribuições a ele de ações realizadas por personagens diversos.

Quando eu escrevi Seu Lunga não sabia nem se existiam outros cordéis sobre. Me refiro ao primeiro, pois “O encontro de coxinha com Seu Lunga”³ sim, que foi bem depois. Klévisson (Viana) me falou sobre *o velho* e percebi que dava para escrever, pois eu conhecia outros Seu Lunga: Seu André, um velho que tinha uma grande mercearia em Pajuçara, no Maracanaú. Desse eu peguei muitas tiradas e atribui ao velho Lunga.

Rouxinol é um poeta que possui uma vertente criativa mais aproximada da ficção. Seus trabalhos, de apurada qualidade técnica, reconhecida inclusive por outros poetas, são decorrentes também de temáticas que ele chama de “espontâneas”, ao mesmo tempo em que mantém essa inspiração relacionada com elementos de realidade cotidiana, a qual ele não demonstra o objetivo de retratar, mas menciona como um ponto de partida, um lugar de criação onde ele vai tecendo as associações, criando personagens para situações específicas, combinando enredos e tramas e criando suas histórias em torno deste processo.

No caso do folheto sobre Seu Lunga, a realidade existente, cotidiana, que configura o primeiro campo de realidade e que inspira o poeta Rouxinol do Rinaré está em Seu André, que também é personagem de um folheto. Nele, Seu André permanece associado à imagem de Seu Lunga, que já está consolidada. Há,

³ Folheto escrito por Rouxinol do Rinaré e publicado pela editora Tupynanquim em formato maior, de folha A4 dobrada ao meio.

inclusive o folheto “Seu André: o professor de Seu Lunga”, escrito pelo poeta Serra Azul.

A inspiração do Seu Lunga de Rouxinol do Rinaré não é exatamente o Seu Joaquim, mas os comportamentos de diversos homens do Nordeste que assumem essa conduta mais agressiva, rude com as outras pessoas. A ideia de associar estas pessoas a Seu Lunga se deve pela imagem construída em torno do nome, que virou um adjetivo. Seu Lunga passa a ter significados que são qualificativos. Então, dizer que há muitos “Seu Lunga” pela região significa que há muitas pessoas com o comportamento parecido com aquele que fez de Seu Joaquim um personagem famoso, de quem já se espera, por exemplo, respostas grosseiras a perguntas óbvias.

Sobre as características do Seu Lunga de Rouxinol do Rinaré, ele diz que não considera que as respostas dos personagens sejam grosseiras, mas inteligentes para perguntas idiotas.

No cordel a gente colocou da forma como nos foi apresentado. E como a gente via, de certa forma, essa coisa da resposta inteligente para as perguntas idiotas. Mas dando sempre aquela ideia de que ele é um tanto grosso em suas respostas, né?

Para Rouxinol, o público que lê folhetos sobre Seu Lunga não é um público fiel ao cordel, mas trata-se de um público efêmero, que gosta apenas do gracejo, por isso resolveu deixar de lado esse formato e se dedicar a escrever folhetos mais didáticos, utilizados em escolas, por exemplo, e que tenham uma possibilidade de permanência mais ampla.

O folheto de Rouxinol do Rinaré, “Seu Lunga: o rei do mau humor”, começa a construir a imagem do protagonista dos versos ainda na capa. O título, que apresenta como aposto a expressão “rei do mau humor”, começa por definir a característica principal a ser considerada nos versos, no caso, o mau humor, que é associado à grosseria. Além da construção verbal, outra forma de construção desta imagem está na ilustração feita na capa, em que uma arte nos permite identificá-lo como um ícone representativo de Seu Joaquim, por conhecermos sua imagem pictórica, com uma expressão que parece agressiva e irritada.

Na primeira estrofe do folheto, Rouxinol atribui seus versos a uma solicitação do público. Neste momento, ainda não atribui a criação das histórias a esse público, mas revela uma característica que fora mencionada na entrevista com relação a produção dos versos para atender à encomenda de uma editora, cujo objetivo seria comercial. Seu Lunga já estava cristalizado como homem grosseiro e suas histórias já tinham se tornado um produto. O dono da editora queria oferecer ao público o que já estava sendo exigido nas bancas de folhetos.

E como resultado, teríamos a representação que é mencionada pelo poeta, a apreciação que ele faz do personagem, descrevendo-o e colocando o seu próprio ponto de vista. “Afobado” se refere à pouca paciência e “fumar numa quenga” significa que Seu Lunga fica muito irritado com perguntas incoerentes. A “arenga” causada se refere a um possível insulto decorrente das perguntas.

Outra referência que é feita a Seu Joaquim acontece na quarta estrofe em que Rouxinol do Rinaré menciona a cidade onde ele mora, Juazeiro do Norte. Depois disso, retorna ao décimo terceiro campo, falando de uma fama nacional de homem “rude e mal-humorado”, atribuindo a opinião a um público indefinido. No verso “sendo figura real” se refere pela última vez no folheto a Seu Joaquim. Consideramos que falar em “real” se trata também de uma apreciação

opinativa sobre realidades cotidianas, por isso, aqui enxergamos o terceiro campo de significação.

No decorrer do folheto, temos muitos momentos de quartos campos, em que o poeta começa a contar os causos, quinto campo, quando o poeta opina sobre esses causos, sexto campo, com a opinião de Seu Lunga sobre os demais personagens. Além desses, temos com frequência o oitavo campo, com personagens definidos, e nono campo, com personagens aleatórios. As opiniões destes personagens estão inseridas nos campos que os apresentam.

Percebemos que neste folheto a ideia referente à construção da realidade cotidiana está ligada à atividade criativa de ficção, como nos apresenta o poeta quando fala de sua obra. Assim, são diminuídas as referências ao primeiro campo de significação com relação aos personagens, sempre indefinidos através de pronomes (alguém) ou de generalizações (povo). A própria construção de Seu Lunga feita por Rouxinol está muito ligada à subjetividade do poeta, que trata o personagem de forma distante de Seu Joaquim. E isso decorre do objetivo da criação, que não era mais o de registrar a vida e as possíveis ações de um homem comum que se torna midiático, mas o de produzir entretenimento, gracejos, histórias a serem consumidas pelos leitores que buscam versos cômicos, leves e que querem saber muito mais das ignorâncias de Seu Lunga do que especificamente de Seu Joaquim.

Alguém me contou um dia
Então irei comentar
O que Seu Lunga aprontou
Tão logo após se casar
Indo para lua de mel
Pratica um ato cruel

Difícil de acreditar

As diversas referências indefinidas presentes no folheto nos oferecem elementos para pensarmos que a construção de Seu Lunga como personagem está ligada muito mais ao imaginário do que às ações realizadas por Seu Joaquim, pelo menos neste caso. O folheto foi escrito por um poeta que não era próximo do homem que inspirou o personagem, tampouco o conhecia. Mas ainda assim, a partir do imaginário foi capaz de construir discursos narrativos sobre ele.

São estes discursos que voltam para o cotidiano. A construção do personagem, seus elementos e características não estão necessariamente ligadas a Seu Joaquim nem às suas ações. A apropriação é feita em torno de uma inspiração, Seu Joaquim é um ponto de partida de onde os poetas desenvolvem suas licenças narrativas, que são as inserções de ficção a fatos da realidade cotidiana. Esta ficção pode ser entendida desde a representação linguística de uma realidade cotidiana (campo 1), como exageros de ações desenvolvidas por Seu Joaquim, até ações realizadas por indivíduos diversos e que, poeticamente, são atribuídas a Seu Lunga pela carga significativa que já existe em torno dele.

Temos, assim o Seu Lunga de Rouxinol do Rinaré. Um personagem baseado nas histórias que se popularizaram pelo cotidiano e pelos versos de outros poetas. Que pouco busca manter relações com a imagem de Seu Joaquim em sua construção, mas que contribui com a construção do personagem mitológico que permanece sendo difundido nos versos dos folhetos.

Considerações finais

O folheto de cordel é uma mídia. Um suporte que abriga uma linguagem poética específica que está ligada à oralidade e que, a partir dela, transmite

informações e conhecimentos. Este conhecimento presente nos folhetos é composto por notícias, por relatos históricos, por registros cotidianos e por entretenimento. O formato de poesia, a impressão, o tamanho da narração, a presença marcante das opiniões são aspectos característicos dos cordéis, que são responsáveis, inclusive pela difusão e manutenção de mitos que permeiam o imaginário popular. Um elemento cultural nordestino capaz de assegurar a manutenção e a atualização das muitas tradições que se mostram em movimento nos versos.

Os folhetos de cordel constroem imaginários, difundem estereótipos e registram memórias, além de tantas outras funções sociais que consegue exercer. É importante analisar a construção que é feita a partir da linguagem, dos termos, das metáforas e dos causos contados para compreendermos a forma que a realidade é construída nos versos. Tal construção não morre nos cordéis, mas expande-se em piadas, em reportagens especiais sobre “curiosidades”, em entrevistas e até na Justiça, numa discussão sobre Direito da Imagem, como é o caso de Seu Lunga.

Seu Lunga chega ao imaginário coletivo e permanece. Levado pelos folhetos, cujo estereótipo é reforçado continuamente. Como em um ciclo, os poetas que usam os folhetos para registrar a memória de Lunga, quando perguntados sobre o porquê de atribuir ao personagem todos os causos de grosseria, respondem que é por se tratar de uma memória referencial que já existe.

Seu Joaquim adquire características de personagem, um elemento das narrativas. Os elementos que compõem sua representação transitam entre as supostas facticidade e ficção, ambas configurando campos finitos de significação inseridos na realidade cotidiana, o que faz com que Seu Lunga seja a transfiguração de um homem real em personagem midiático. Mesmo que certos



indivíduos desconheçam a existência de um referente na realidade cotidiana para o personagem dos versos de cordel, há um sentido que se cristaliza diante de seu nome, que remete às características do protagonista, que são características fixas, ainda que sutilmente os poetas tentem justificar o comportamento do personagem com adjetivos positivos como "inteligente" e "sério".

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Bakhtin, M. (2011). *Estética da criação verbal*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011XIV. Rio de Janeiro: Zahar.
- Barthes, R. (2012). *Mitologias*. Rio de Janeiro: DIFEL.
- Bergson, H. (1993). *O riso: ensaio sobre a significação do cômico*.
- Berger, P., & Luckmann, T. (1985). *A construção social da realidade: tratado de sociologia do conhecimento*. Petrópolis: Vozes.
- Brait, B. (2006). *A personagem*. São Paulo: Ática.
- Dijk, T. van. (2011). *Cognição, discurso e interação*. São Paulo: Contexto.
- Legros, P. et.al. (2007). *Sociologia do imaginário*. Porto Alegre: Sulina.
- Lemaire, R. (2008). Entre Oralidade e Escrita: as verdades da verdade, In: *Actas do congresso Literaturas marginais*. Porto: Ed. da Universidade do Porto, Portugal.
- Lindoso, E. (2000). *A fantástica construção do nordestino Seu Lunga*. Fortaleza: Universidade Federal do Ceará. Acesso: 28 abr. 2009. Disponível em: <<http://br.geocities.com/esquinadaliteratura/autores/ester/ester04.html>>.
- Rosenfeld, A. (2011). Literatura e personagem. In: CANDIDO, Antonio. *A personagem de ficção*. São Paulo: Perspectiva.
- Wood, J. (2012). *Como funciona a ficção*. São Paulo: Cosac Naify.
- Zeni, B. S. (2012). *Sobras seguido de A ficção, a imaginação e a realidade e O amor como ficção*, Dissertação, Pontifícia Universidade Católica di Rio



Grande do Sul, Porto Alegre.